

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL – 7ª EDIÇÃO

JULIANA IRENE KISSMANN

ENCONTRO DE CRIANÇAS NA ESCOLA:  
estar e saber com o outro

SÃO LEOPOLDO

2014

JULIANA IRENE KISSMANN

ENCONTRO DE CRIANÇAS NA ESCOLA:

estar e saber com o outro

Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Orientadora: Profa. Me. Rosane Romanini

São Leopoldo

2014

## ENCONTRO DE CRIANÇAS NA ESCOLA: estar e saber com o outro<sup>1</sup>

Juliana Irene Kissmann<sup>2</sup>

Rosane Romanini<sup>3</sup>

**Resumo:** Este texto aborda a relevância do olhar para os encontros de e entre crianças com diferentes idades, produzidos na escola, do tempo e do espaço do estar junto, que constituem possibilidades de encontros e aprendizagens éticas, estéticas, cognitivas, afetivas e relacionais. Neste artigo, faz-se uma reflexão acerca dos encontros das crianças na escola, propondo um entrelaçamento do racional com o emocional, tal como propõe Maturana (2004). A partir de um olhar e de uma escuta interessada, como professora em uma escola me perguntava: Estará a escola dando voltas com as crianças, entendendo o conversar na sua raiz: *cum*, dizendo “com”. E *versare* que significa “dar voltas com o outro”, abrindo-se para a boniteza das histórias vividas pelas crianças? É imprescindível pensar e planejar melhor ações gestando o tempo em que as crianças estão juntas, bem como ofertar mais encontros na sala de referência, por entre os arredores da escola, em passeios e visitas culturais. A atual conjuntura da sociedade contemporânea leva a uma formação compartimentada, individualizada, com ações mecanizadas, à indiferença, à insensibilidade, desumanizando, na lógica perversa do “ter” ao invés do “ser”. A constituição de um tempo outro — que se difere da lógica do capital e da produção — em que estejam implicados o viver coletivo, o refletir, a partilha, a contemplação, as indagações, as hipóteses, as afirmações, em um cotidiano de experienciar situações educativas e culturais. Propõe-se esta escrita suscitando o resgate da coletividade, da ética, do estar com os outros, da partilha de saberes, da sensibilidade, da curiosidade, da pesquisa, do bem-querer, do olhar, da conversa e da escuta num espaço privilegiado: a escola.

**Palavras-chave:** Crianças. Escola. Ludicidade. Encontro. Saberes.

Nos dias atuais, há uma preocupação intensa sobre a relevância da criança no encurtamento da infância produzido pela sociedade contemporânea. Vivemos, atualmente, em uma situação de constante e ininterrupto progresso tecnológico e, também, de regressão em relação à humanização.

---

<sup>1</sup> Artigo realizado a partir da observação, da escuta e da prática educativa, como professora na Escola Municipal de Ensino Fundamental 25 de Julho, em Ivoti. As falas colhidas foram em passeios e na escola de crianças dos anos iniciais (pré ao 5º ano: idades entre 5 anos e 11 anos).

<sup>2</sup> Brinquedista, com formação na Associação Gaúcha de Brinquedotecas (AGAB), em Santa Maria, em 2000; graduada em Pedagogia, pela Unisinos, em 2007.

<sup>3</sup> Orientadora: Profa. Me. Rosane Romanini — professora convidada no Curso de Especialização em Educação Infantil, da Unisinos, 7ª edição; graduada em Educação Física/Feevale; Pós-graduada em Metodologia da Educação Física/Feevale; Pós-graduada em Psicomotricidade Relacional/Feevale; Mestre em Educação/Unisinos; Brinquedista/UFRGS/AGAB/FLALU.

Nesse contexto,

Se não há mais o que dizer sobre a infância, talvez tenha chegado o momento de aprendermos com as crianças o que a infância tem a nos dizer. Talvez a infância, assim como a poesia não precise ser analisada, mas sentida. Sofro o medo de análise, afirma o poeta Manoel de Barros. (LEAL, 2004, p.22).

Constantemente, exalta-se o “ter” e comprime-se o “ser”, reduzindo o tempo das pessoas estarem juntas em encontros de convivência relacional e, assim, há o empobrecer e embrutecimento das relações cotidianas.

O tempo de ser criança, de viver a infância, está cada vez menor. As crianças acabam ficando mais sós, com pouco convívio coletivo com sua família, vizinhança e amigos. Com as condições da economia, os pais, literalmente, acabam sucumbindo pelo excesso de trabalho, passando pouco tempo com seus filhos. As crianças, então, passam por mais tempo em companhia da televisão, dos DVDs e dos jogos eletrônicos, dessa forma interagindo mais com objetos, tais como brinquedos e aparelhos eletrônicos. Percebe-se, paulatinamente, a diminuição de encontros com outras pessoas para conversa, afago, brincadeira e passeios que aproximam os seres humanos e fazem com que possam se conhecer mais e melhor, constituindo o seu “ser”. Esse envolvimento é essencial às pessoas, cria vínculos e promove a formação de grupos sociais. Certamente, é nesse espaço circundante de coparticipação, na convivência com seus semelhantes que as pessoas se humanizam, dia pós dia, continuamente.

Na atual conjuntura da sociedade contemporânea, estamos fadados a uma formação compartimentada que leva à individualidade, às ações mecanizadas, à indiferença, à insensibilidade, ao consumismo, ao excessivo “ter” e ao desmerecimento do “ser”. Maturana (2004) afirmava que, dentre as grandes dificuldades humanas, estavam: perder a sensibilidade, o autorrespeito, o respeito aos outros, a dignidade e a responsabilidade de seus atos.

A relevância a um olhar mais sensível já era assinalada por Alves (1999) em seus escritos. Nietzsche afirmava que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver “porque é através dos olhos que as crianças pela primeira vez tomam contato com a beleza e o fascínio do mundo”. (DUARTE JUNIOR, 2001, p.98).

A escola, além ofertar o acesso aos conhecimentos científicos às crianças, tem uma função do refinamento da sensibilidade, tentando levá-las a pensar e agir com a cabeça (razão) — o restante do corpo e os órgãos do sentido (emoção) numa dimensão mais estética da vida e do mundo que as rodeia. Assim, a educação do sensível nos disponibiliza para uma vivência

mais plena do cotidiano, com menos tarefas e de mais qualidade, usufruindo um tempo mais extenso para a entrega e a reflexão das sutilezas da vida. Conforme Duarte Junior, “o inteligível e o sensível vieram, pois, sendo progressivamente apartados entre si e mesmo considerados setores comunicáveis da vida, com toda a ênfase recaindo sobre os modos lógico-conceituais de se conceber as significações”. (2001, p.163).

A criança faz uma “leitura” através dos seus órgãos do sentido, agregando saberes ao seu desenvolvimento. Assim, suas aprendizagens vão sendo constituídas ao longo da vida, pelo corpo e pelo cognitivo, num alargamento do olhar. Como menciona Freire (1988) no prefácio de seu livro “A importância do ato de ler: em três artigos que se completam”, remetendo-nos à ideia de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1988).

Alves propõe o alargamento do olhar, de forma que os mestres se transformem em aprendizes e os adultos se disponham a aprender com as crianças — uma filosofia da educação às avessas. Para dar maior visibilidade a essa ideia, busco a poética de Alberto Caeiro (apud ALVES, 2000, p.63):

“A caminho da natureza”  
[...] A Criança Nova que habita onde vivo  
dá-me uma mão a mim  
e a outra a tudo que existe  
e assim vamos os três pelo caminho que houver,  
saltando e cantando e rindo  
e gozando o nosso segredo comum  
que é o de saber por toda a parte  
que não há mistério no mundo  
e que tudo vale a pena.

Quando nós, educadores, colocamo-nos a ouvir atentamente as conversas das crianças entre si, podemos observar, por meio dessas conversas e escuta, quando expõem suas ideias e expressam e suscitam o subjetivo, a poética, a minúcia, dúvidas, afirmações, indagações, hipóteses e reflexões, com nuances interessantes com referência ao cotidiano. E assim, essas crianças nos levam, junto com elas, “*saltando e cantando e rindo, e gozando o nosso segredo comum, que é o de saber por toda a parte*” (CAEIRO apud ALVES, 2000, p.63).

Crianças, quando estão bem, perguntam muito. A resposta boa de um adulto não responde: provoca outra questão. Abre porta, inaugura campo; às vezes cansa de tanto andar no campo aberto. É como se as crianças desejassem mais pensar do que saber. (GUTFREIND, 2012, p.164).

O ideal é que se possa ter a conversa e a escuta com respeito mútuo, entre diferentes crianças, funcionários da escola, professores e demais pessoas que possam participar de uma forma ou outra da instituição educacional. Sabiamente, Freire (1999) já mencionava: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (p.25). Que a escola possa ser um espaço com tempo para a criança, no intuito estar provocando o pensamento e suscitando a curiosidade para a aprendizagem, salvaguardando uma infância que contemple o viver do encontro com a diversidade cultural, permeada pelo lúdico, perpassando a literatura infantil, a música, o teatro, a dança, o cinema, a arte, o contato e o cuidado com os demais seres vivos.

As pessoas que trabalham na escola precisam de disponibilidade e um pensamento focado no educar e cuidar. Ações cotidianas na escola pressupõem concepções que necessitam constantemente de diálogos e reflexões: pensar em estratégias, ofertar materiais, oportunizar a fala, a escuta, e fazer a mediação dos conhecimentos curriculares com os arredores da escola, a comunidade, a cultura. Ensinar é um exercício de imortalidade, conforme Alves (2000). De alguma forma, continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia das nossas palavras.

A conversa, além de ajudar a manter viva a sabedoria popular, consiste também num fator de identidade e de integração cultural. Por ela são trocados não apenas informações e dados, mas, sobretudo, afetos e sentimentos, esses elementos básicos para a manutenção ou a transformação de uma dada realidade. (DUARTE JUNIOR, 2001, p.86).

Idealiza-se uma escola que priorize um planejamento com ênfase na gestão do tempo, isto é, que oportunize às crianças ter mais tempo para estar juntas, enfatizando-se a relevância do conviver, viver coletivo, refletir e fazer com mais tempo, para apreciar, vivenciar e tornar significativa a infância dessas crianças, promovendo o resgate da ética, da partilha do cotidiano, do saber do outro. Pois, esses entrecruzamentos com os participantes dos encontros estão cheios de sentidos e aprendizados, tanto intelectual, relacional, como afetivo e estético.

“[...] a infância é decisiva porque está repleta de encontros formadores. Deles nasce o primeiro momento, com a alegria de ser curioso, o desejo de perguntar, verdadeira fonte de tudo [...]”. (GUTFREIND, 2012, p.79).

As crianças, em sua relação com seus pares e demais pessoas, não reproduzem tal e qual os adultos, mas fazem uma reprodução interpretativa sob seu olhar. É fato que a dimensão biológica humana, culturalmente, necessita da convivência relacional para se constituir humanizada. Dessa forma, torna-se relevante que a escola possa promover encontros entre crianças de faixas etárias diversas, em espaços diferentes na instituição, para que possam estar abertas para o saber do outro, com o saber do outro, para conviver com os demais, para partilhar seus saberes conversando, lendo, brincando, escrevendo, desenhando, representando, cantado, enfim, expondo seus valores éticos, angústias, alegrias, indagações, ideias e reflexões acerca da vida. Dessa forma, a escola, com suas ações, fomentará uma educação mais humanizadora e voltada cada vez mais para o sensível, segundo Duarte Junior (2001, p.25):

Assim, não será demais insistir que a educação do sensível [...] deve se voltar primeiramente para o seu cotidiano mais próximo, para a cidade onde vive, as ruas e praças pelas quais circula e os produtos que consome, na intenção de despertar sua sensibilidade para com a vida mesma, consoante levada no dia-a-dia.

Certamente, estando as crianças mais próximas umas das outras, torna-se infindável o seu ponto de vista sobre diferentes assuntos abordados, os saberes produzidos em relação às conversações, às escutas, à perspectiva de conhecimento que buscam na biblioteca, nos livros, nas propostas efetuadas pelo professor. Em pequenos ou grandes grupos, as aprendizagens são múltiplas com referência aos campos do saber, aos valores éticos e estéticos, às vivências de cada uma delas sendo faladas e ouvidas com respeito mútuo aos pormenores.

Os saberes construídos pelas crianças vão se dando ao longo de encontros de qualidade, em diferentes grupos sociais: na escola, nas praças, na comunidade, com familiares, vizinhos, com outras crianças, os adultos brincando, pensando, conversando, ouvindo. Nessa interação com o corpo — e verbalmente — acontecem, concomitantemente, múltiplas aprendizagens através da troca entre seus pares, que comparam, observam, concordam, discordam, perguntam, afirmam, levantam hipóteses, criam estratégias na resolução de problemas surgidos no cotidiano. A importância de espaços seguros, instigantes e propícios para que boas relações e a brincadeira aconteçam de maneira saudável e desafiadora.

Em seus estudos, Maturana (2004) ressalta que a característica fundamental do linguajar humano, a conversação, se dá no entrelaçamento do racional com o emocional. A

palavra conversar vem da união de duas raízes: *cum*, dizendo “com”, e *versare*, referindo-se a “dar voltas com o outro”.

Um dos pressupostos para que aconteçam encontros de qualidade entre as crianças é uma boa gestão do tempo, com uma proposta evidenciando o tempo para conviver. Com isso, são vivenciados e construídos diversos saberes científicos das diferentes linguagens do conhecimento, bem como os valores éticos. “Deste modo, o que nos interessa é a vida, com suas múltiplas sensibilidades e formas de expressão. A vida cotidiana, com todo o saber nela encerrado e que a movimenta por entre as belezas e percalços do dia.” (DUARTE JUNIOR, 2001, p.22).

E, nessas relações, são feitos laços de amizade, acontece a imersão na alegria, no lúdico, na resolução de problemáticas surgidas e a bonita convivência, com perguntas, afirmações, dúvidas, experimentações do cotidiano, assim aproximando a escola da vida de cada uma delas, fazendo e trazendo um sentido significativo para a formação integral da criança — cognitiva, corporal, social e afetiva, ética e estética —, pois, de acordo com Duarte Junior (2001, p.22), “a sensibilidade que funda nossa vida consiste num complexo tecido de percepções e jamais deve ser desprezada em nome de um suposto conhecimento verdadeiro”.

Deve haver interação entre os diferentes segmentos da escola, ou seja, equipe diretiva, secretária, bibliotecária, servente merendeira, professores, colegas e outros da escola com idades diversas. Isso faz com que se estreitem laços de respeito, amizade, aprendizagem e, dessa forma, fique revelada a importância de todos para o bom e eficiente funcionamento da instituição educacional para com todos os envolvidos nesse processo contínuo de pesquisar, questionar, ensinar, trocar, levantar hipóteses e aprender uns com os outros.

Elucidando com um fragmento do poema de Paulo Freire (2014):

“A escola”

Escola é  
 [...] o lugar que se faz amigos.  
 Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”  
 Nada de conviver com as pessoas e depois,  
 Descobrir que não tem amizade a ninguém.  
 Nada de ser como tijolo que forma a parede,  
 Indiferente, frio, só.  
 É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

A instituição escolar é um lugar onde as crianças, professores e demais funcionários passam boa parte do dia, ou melhor, um tempo extenso de suas vidas. É lugar de gente. É o lugar da gente. Por isso, a importância desse espaço ser um lugar convidativo, de aconchego,

de convivência, de amizade, de vivências, de respeito, solidariedade e felicidade a cada dia. Do “olhar” para o outro com cuidado e afeto. Nesse entrelaçamento de saberes das crianças junto com os diferentes segmentos da escola criam-se vínculos afetivos e um amadurecimento do emocional, do cognitivo e do relacional.

“Assim, podemos dizer que o espaço físico transforma-se em espaço humanizado, quando ali existem relações com e entre pessoas, trocas sociais e culturais, possibilidade de descoberta, de experiências e um lugar de vida.” (KISSMANN, 2006, p.25).

A vida moderna vem privando as pessoas de olhar, sentir os aromas e odores, as texturas, as vicissitudes trazendo o distanciamento à natureza, aos elementos naturais que marcam nossa memória com lembranças das coisas que vimos e sentimos. Um encontro com a sensibilidade, com o estar no mundo e com o mundo.

Talvez pouquíssimos de nós não se deixem levar pelas lembranças despertadas por aromas que, vez por outra, invadem as nossas narinas, produzindo verdadeiros poemas mnemônicos em nosso ser. Inegavelmente, há cheiros específicos em nossa memória: os da infância, da escola, de certas férias, do perfume de um primeiro amor [...]. (DUARTE JUNIOR, 2001, p.99).

As atividades na escola e pelos arredores em passeios pelas ruas, pela cidade, pelo campo, em piquenique, ida ao cinema, praças públicas, visitas a espaços culturais permitem a constituição de outro olhar. Aproximam as crianças umas das outras na conversa, na escuta, nas experiências de vida de cada uma, trazendo divertimento, vivência coletiva, troca de saberes, construção de pensamento, sutilezas da vida, contato com as pessoas, com animais domésticos que perambulam pela rua e com as plantas.

A partir desse momento, trarei algumas experiências e as narrativas das crianças referentes a três atividades desenvolvidas na escola: piquenique, ida ao cinema e no recreio.

a) piquenique:

*“Ah... é muito bom passear e comer todos juntos!”*

*“Que lindo ver nossas toalhas, na grama, uma do ladinho da outra, parecendo um tapete infinito!”*

*“Ficar pertinho dos colegas conversando e brincando é bom demais!”*

*“Aqui tem um cheiro de grama, de árvore e de lanche, né?”*

*“É... o cheiro daqui é diferente da escola... são mais cheiros!”*

Ao longo do ano letivo, são realizados piqueniques numa área próxima à escola com grama, árvores e uma pracinha. Construimos uma proposta junto com as crianças para a realização de um lanche coletivo. Comidas, bebidas, sucos, água e chás fazem parte do piquenique. Toalhas coloridas e panos se tornam um grande mosaico no chão.

O piquenique é uma atividade que proporciona um estar junto para conversar, contemplar uma área verde, ver pessoas e animais na rua, partilhar alimentos, brincar e se conhecer “mais de perto” os pormenores de cada um. As possibilidades desses encontros são inúmeras quanto ao dar e receber mutuamente, alimentando o corpo e a alma. Mais do que obter alimento para nutrir o corpo, podemos, com esses encontros e conversas, estreitar laços afetivos e culturais, favorecendo a nutrição da alma com as trocas de experiências.

Enquanto fazem a refeição, partilham a comida e a conversa. Estabelece-se um espaço de encontro em que as pessoas (adultos e crianças) vivenciam um dia de cada vez, com disponibilidade em ouvir e conversar uns com os outros. “As pessoas não comem somente para se alimentar, mas também para visitar os pais ou amigos e vivenciar com eles um prazer compartilhado.” (DUARTE JUNIOR, 2001, p.93). Assim como uma das crianças disse que parecia “um tapete infinito”, também quero destacar que o aprendizado, com essas ações, também podem ser infinitos. Trago mais algumas falas das crianças no deslocamento ao piquenique:

*“Você tá vendo aquele homem do outro lado da rua? Ele é meu vizinho. A gente se visita, toma chimarrão e conversa sobre as coisas que acontecem... por aí!”*

*“Ah... aquele cachorro marrom com preto é dos perigosos... é tipo um pastor alemão! Eu li num livro isso”.*

*Olha... aquela árvore cheia de flores. É um ipê amarelo, minha mãe disse. Quando as flores caem... o chão fica transformado num caminho amarelado!”*

*“Que bonitinho aquele passarinho naquele ninho de barro. É um João-de-barro. Nós estudamos que este bichinho é um dos símbolos do RS”.*

Os passeios são caminhos de ligação para identificação do contexto. As ruas, ao invés de ligar as pessoas, acabam as afastando, pela pressa desenfreada. Percebe-se que as pessoas dedicam pouco tempo para a contemplação, conversar com alguém, caminhar olhando e

apreciando o entorno. A arte de conversar, argumentar, contar, ouvir as impressões de si e do mundo são essenciais para a constituição humana.

Muito pouco caminhamos por nossas cidades quando desprovidos de um objetivo utilitarista, muito pouco exercitamos os nossos sentidos com sons, cores e odores que não sejam os desagradáveis subprodutos da degradação ambiental urbana, e muito pouco espaço para o encontro com a natureza e os amigos nos é oferecido nesses conglomerados contemporâneos. (DUARTE JUNIOR, 2001, p.83).

b) cinema:

*“Eu já fui por esse caminho... só pelo cheiro (de curtume) sei que é Estância Velha!”*

*“Esse filme mostra os animais que são roubados da floresta e vendidos!”*

*“Hoje é o meu dia mais feliz... vou ao cinema pela primeira vez!”*

*“É muito legal viajar de ônibus... a gente enxerga mais e mais... muito longe!”*

*“Ver filme no cinema é diferente... do que ver filme em casa... A cadeira daqui e a pipoca são hummm... gostosas!”*

Os passeios culturais trazem muitas possibilidades de convivência. Inclusive sempre há aquela criança que ainda não teve a oportunidade de ir ao cinema. A expectativa é grande, ao longo dos dias que antecedem. Muitas conversas vão sendo geradas, como: como vai ser o filme, quem já viu, que ônibus vai ser, quanto tempo leva o deslocamento para outra cidade, com quem vou sentar, como são os bancos, pela janela se vê tudo, que lanche vou levar, alguns dizem que sabem o caminho percorrido e outros não sabem muito bem. As experiências de cada um são partilhadas uns com os outros, no decorrer dos dias que antecedem a ida ao cinema. No percurso, demonstram euforia por passear com a turma, pois é diferente a saída com a família e com a escola, inclusive para ver um filme já assistido.

Essas atividades, trabalhadas nessa perspectiva, não só de ordem cognitiva, mas também de ordem afetiva, relacional e estética, pode ser uma brecha, uma fenda, uma pausa para esses tempos em que menos vemos, ouvimos e sentimos. As crianças precisam de mais tempo para pensar e realizar diferentes práticas no dia a dia. A experiência de situações cotidianas celebrando esse encontro de partilha do alimento, do conhecer, do visitar, do bem-querer, do olhar, do ouvir e do tocar uns aos outros. Fica nítido no semblante de cada criança

o zelo e carinho na sua preparação para os encontros e passeios. Como cito em algumas conversações a seguir:

*“Eu estou indo bem cheiroso. Passei um perfume que minha dinda me deu. Ah... e fiz um topete com gel!”*

*“Tô levando uma água, um pedaço de bolo, e um sanduíche... pequeno. Mas eu sei... ainda vou ter fome da pipoca do cinema!”*

*“Coitadinha daquelas pessoas que ficam na BR 116. Tem muito barulho e deve ser perigoso de noite!”*

O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser. [...] Não haveria existência humana sem a abertura de nosso ser ao mundo, sem a transitividade de nossa consciência. (FREIRE, 1999, p.98).

Fomentar a curiosidade das crianças oportunizando outros olhares, pensamento, pesquisa, reflexão. Falar e ouvir ao outro na sua inteireza certamente se torna um exercício diário, exigindo uma concepção de reciprocidade de sentidos e significados por entre as conversações de ambas as partes, ou seja, do falante e do ouvinte, a experiência individual sendo acrescida, respeitada e partilhada no coletivo.

c) encontro no recreio:

- brincadeira de mãos numa roda: *“Seu Pedro fez uma casa. Quantos pregos ele usou?”*;
- trocando figurinhas de diferentes coleções: Carrossel, Copa do mundo, Animais...;
- batendo bafo: *“Eu esfrego minhas mãos bem... até esquentarem. Isso dá sorte!”*
- leitura entre colegas de um trecho de um livro de literatura infantil, *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado: *“Gosto desta parte: menina bonita do laço de fita qual teu segredo para ser tão pretinha?”*
- pulando corda: um homem bateu em minha porta e eu abri... *“Eu tô ficando melhor na corda porque tô treinando todos os dias!”*
- brincando na areia: *“Ah, é muito bom ficar na areia. A gente cava e vai fazendo um montinho... até que... virá um lindo castelo!”*

O recreio é aguardado pelas crianças, pois brincam com seus colegas de turma e, também com os demais, de muitas brincadeiras, como: pular corda, contando 1,2,3 (os números em ordem crescente); recitando parlendas, como: Um homem bateu em minha porta [...], Suco gelado, cabelo arrepiado, com a letra do seu namorado [...], Lá em cima do piano tem um copo de veneno, quem bebeu, morreu, o culpado não fui eu, Salada saladinha bem temperadinha [...]; brincadeiras de mão, como: Adoleta leta lepe ti co lá, Seu Pedro fez uma casa, quantos pregos ele usou?; outras canções com cantigas ou trechos, como: Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo [...], Superfantástico, do balão Mágico, o mundo fica bem mais divertido [...].

Há muito tempo, Brandão (2003) citava que toda vez que se aprende algo novo, se sabe de uma maneira diferente. Ampliamos e incorporamos outros elementos aos já sabidos como acontece nas conversações das crianças que lançam um novo olhar ao desconhecido, desejando um desvelamento.

As crianças ainda pulam elástico, rodam os bambolês, jogam bola, jogam pingue-pongue, correm na quadrinha, brincam na pracinha, na areia, nas árvores... Outros conversam uns com os outros, vão à biblioteca ler, apreciam as músicas tocadas no recreio... Caminham pela escola, conversando com um colega ou cantarolando. Brincadeira de mãos, como 3... ou ..1, discordar... Trocam figurinhas de seus álbuns de coleção, como Carrossel, Frozen, Copa do Mundo. As trocas são feitas com as figurinhas repetidas, através do jogo de bafo: bater com a palma da mão na figurinha.

O jogo cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança. Durante o mesmo, a criança está sempre além da sua conduta diária; no jogo, é como se fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o jogo contém todas as tendências evolutivas de forma condensada, sendo em si mesmo uma considerável fonte de desenvolvimento. (VYGOTSKY, 2000, p.156).

Brincadeiras tradicionais e brincadeiras novas inventadas pelas crianças ocorrem de forma potencial nos recreios e também nas aulas. O lúdico vem sendo propiciado e elaborado ao longo da prática educativa com uma intencionalidade para que haja o crescimento e o desenvolvimento saudável das crianças no cotidiano.

Brincar é atentar para o presente. Uma criança que brinca está envolvida no que faz enquanto o faz. Se brinca de médico, é médico; se brinca de montar um cavalo, é isso que faz. O brincar não tem nada a ver com o futuro. O brincar não é uma preparação para nada, é fazer o que se faz em total aceitação, sem considerações que neguem sua legitimidade. (MATURANA, 2004, p.230-1).

As crianças, “mergulhadas” num tempo e espaço do lúdico, na areia, por entre as árvores, pulando corda, amarelinha, esconde-esconde, na pracinha, na quadra de esportes, trocando figurinhas de suas coleções, ninando bonecas, empurrando carrinhos, apreciando canções infantis, crescem e se desenvolvem integralmente nas diferentes linguagens. Vê-se que “os jogos não são apenas uma forma de desafogo ou entretenimento para gastar a energia das crianças, mas meios que enriquecem o desenvolvimento intelectual”. (PIAGET apud ALMEIDA, 2003, p.25). Crianças — pequenas e maiores, mais novas e mais velhas — partilhando brinquedos, brincadeiras, saberes que ora são de uns e ora são de outros.

Enquanto brincam, estabelecem regras para o funcionamento; às vezes, dá certo, e, outras vezes, ocorrem alguns desentendimentos. Em meio às brincadeiras, algumas vezes, é necessária a intervenção do adulto, e, em outros momentos, entre si, conseguem fazer combinações. Em suas pesquisas, Vygotsky (1984) faz referência à cognição social, trazendo os benefícios entre as crianças que compartilham hipótese, solução, ponto de vista. Uma criança com mais experiência ajuda a outra. Vygotsky (2000) afirma que, na apropriação de jogos e brincadeiras, a criança cria associações mentais e, assim, constitui linguagem.

Desejamos uma escola que na sua centralidade tenha uma concepção de criança que preze pela infância em seu desenvolvimento integral. Com ações pautadas em propostas que foquem em menos atividades, sem a necessidade de um constante preenchimento do tempo, e com um cunho qualitativo, não facetando os momentos da criança, pois em tudo o que a criança faz está implicada uma perspectiva de conhecimento, contato cultural, convivência com as pessoas, animais, plantas, construindo, refletindo e aprofundando saberes.

As narrativas das crianças, os aportes teóricos e a prática educativa mais uma vez mostram que aprendizagem se dá na convivência com “o outro”, pautada numa proposta pedagógica com aportes teóricos entrelaçados com uma prática educativa focada concomitantemente na sensibilidade, no saber, no afeto e na coletividade.

Assim, o estudo constante sobre a infância é sempre pertinente para que saibamos potencializar as experiências vividas pelas crianças. Deve ser buscada a contínua profissionalização dos educadores, ressaltando a sua responsabilidade pela interlocução das crianças com seus pares e com os demais adultos, não com o propósito de querer ensinar tudo, mas suscitando a busca, a reflexão, as relações com os seres vivos, com diferentes gerações, com as linguagens e a dimensão lúdicas. E, assim, nessa constituição de saberes sociais, culturais, artísticos, históricos e humanísticos possa prevalecer o ser e não o ter na construção da identidade de cada uma dessas crianças numa Escola que promova encontros de e para a vida.

## A escola de e para as crianças, podendo ser

[...] um lugar de ser, de sentir, um lugar de conhecer, um lugar de descobrir, um lugar de se encantar [...] um lugar de compartilhar [...] um tempo de nada e um tempo de tudo [...] um pequeno grande mundo, onde dimensões múltiplas se mesclam. (REDIN, 2002, p.136-7).

Em suas palestras e em seus escritos, Redin (2004) afirma que o tempo da infância precisa ser o de agora, sem antecipação para um futuro longínquo. “A vida não existe em função de nenhuma etapa [...] deve ser plena em todo o tempo.” (REDIN, 2004, p.10).

Nesse emaranhado de aportes teóricos, bem como em minha prática educativa, surgem muitas inquietações, certezas, dúvidas, provocações que corroboram para uma constante reflexão no sentido de garantir no cotidiano escolar a convivência com e entre crianças de faixas etárias diversas. Que não sejamos insensíveis à salutar importância dos encontros de crianças com seus pares, bem como com as demais pessoas da escola.

“A escola pode e deve ser considerada um espaço privilegiado para a aprendizagem de uma prática social, um espaço de cultura, de criação como resposta aos desafios da vida, um espaço fértil de produção do novo e do inusitado.” (REDIN, 2007, p.17).

Vê-se a escola não só mais como detentora de conhecimentos, mas como formadora de sujeitos pensantes que possam fortalecer seu ser sendo corresponsáveis por suas escolhas, com respeito mútuo uns aos outros, mais criativos, com mais curiosidade, reflexivos, que possam partilhar suas aprendizagens e conviver com a diversidade cultural.

“Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento? Parece que o objetivo de produzir cada vez mais, adequado aos interesses de crescimento econômico, não é suficiente para dar um sentido à vida humana.” (ALVES, 2000, p.14).

A escola podendo ser um espaço de e com tempo de aproximação das pessoas, da cultura, com um entrecruzamento de saberes científicos e éticos. E, nessa direção, Brandão (2003) sugere que a escola possa ser um lugar onde pessoas diferentes se encontrem para viver juntas experiências de aprender – ensinar – aprender através da construção solidária de seus saberes.

Esses encontros, permeados pela ludicidade, promovem o conviver, constroem um repertório, contata com o patrimônio cultural, diverte, partilha, trazendo a capacidade imaginativa, o brincar e o aprender como peças fundamentais para a construção de um sujeito autônomo, criativo, com uma multiplicidade de linguagens na escola e do mundo. Sendo, assim, a oportunidade de um viver mais dinâmico, criativo e feliz.

Nesse contexto:

Uma e outra experiências não são opostas e não há entre elas um juízo de qualidade, de confiabilidade. Abrem-se ao real que seus olhares, suas sensibilidades, suas teorias e seus métodos constituem, e geram conhecimentos que são, uns, do cientista, e outros, do artista. (BRANDÃO, 2003, p.83).

Ainda conforme Brandão (2003), esse é o movimento da partilha em grupo, do coletivo, do saber com o outro, da interação entre a consciência e as ciências como cruciais para a constituição do ser, enfim, de sujeitos corresponsáveis.

Que o saber possa estar a serviço das pessoas, para humanizar, tornando-as mais amorosas, curiosas, sábias, equilibradas e felizes.

### **MEETINGS BETWEEN CHILDREN AT SCHOOL: being and knowing with the other**

**Abstract:** This paper addresses the importance of looking at meetings of and between children of different ages, which take place at schools, of the time and space to be together, which represent possibilities of meetings and of ethical, aesthetic, cognitive, affective, and relational learnings. This paper is a reflection about meetings between children at school, proposing an interweaving of rational and emotional elements, as proposed by Maturana (2004). From an interesting look and listening, when I was a teacher at a school I wondered: Is the school going around with the children, understanding conversation in its essence: from the Latin *cum*, meaning “with”, and *versare*, which means “going around with the other”, opening up to the beauty of the stories told by the children? It is essential to better think and plan actions gestating the time the children are together, as well as providing more meetings in the reference classroom, throughout the school, on trips and cultural visits. The current situation of contemporary society leads to a compartmentalized, individualized training with mechanized actions, to indifference, to insensitivity, dehumanizing in the perverse logic of “having” instead of “being”. The constitution of another time — which differs from the logic of capital and production — involving collective life, reflection, sharing, contemplation, questions, hypotheses, statements, in an everyday life where one experiences educational and cultural situations. This writing is proposed giving rise to the rescue of collectivity, of ethics, of being with others, of sharing knowledge, of sensitivity, curiosity, research, good will, of the look, talk and listening in a privileged space: the school.

**Keywords:** Children. School. Lucidity. Meeting. Sensitivity. Childhood. Knowledge.

### **REFERÊNCIAS**

ALVES, Rubem. O olhar do professor. **Correio Popular**, 24 out. 1999.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas: Papirus/Speculum, 2000.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 2003.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre o nada**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003.

DUARTE JUNIOR, João Francisco Duarte. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: [s.n.], 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22.ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE. **A escola**. Poesia. Disponível em: <<http://novaescola.abril.ig.com.br>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

GUTFREIND, Celso. **A dança das palavras: poesia e narrativa para pais e professores**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2012.

KISSMANN, Juliana Irene. **Reinventando lugares para a infância numa escola de educação infantil**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) — Curso de Pedagogia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo, 2006.

LEAL, B. Leituras da infância na poesia de Manoel de Barros. In: KOHAN, W. (Org). **Lugares da infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MATURANA, Humberto R. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

REDIN, Euclides. **O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca!** Porto Alegre: Mediação, 2004.

REDIN, Euclides; REDIN, Marita Martins; MÜLLER, Fernanda. **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

REDIN, Marita Martins. **Entrando pela janela: o encantamento do aluno pela escola**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY. L. El desarrollo de los procesos superiores. Barcelona: Crítica, 2000.